

A PESQUISA EM PSICOLOGIA: ENSAIO SOBRE A PSICOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIA, A PESQUISA QUALITATIVA E O USO DA ENTREVISTA COMO PRINCIPAL INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

RESEARCH IN PSYCHOLOGY: ESSAY ON PSYCHOLOGY AS A SCIENCE, QUALITATIVE RESEARCH AND THE USE OF THE INTERVIEWS THE MAIN INSTRUMENT FOR DATA COLLECTION

Mario Lázaro Camargo¹
Rinaldo Correr²

1. Mário Lázaro Camargo –
Psicólogo. Professor Assistente
Doutor no Departamento de
Psicologia da Faculdade de
Ciências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” (UNESP),
Bauru. E-mail: mario.camargo@
fc.unesp.br

2. Rinaldo Correr – Psicólogo.
Professor Adjunto Doutor no
Curso de Psicologia do Centro
de Ciências Humanas da
Universidade Sagrado Coração
(USC), Bauru. E-mail: correr.
rinaldo@gmail.com

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

RESUMO

Para se constituir ciência, a Psicologia percorreu um longo trajeto. Desde o tempo em que fora considerada disciplina da Filosofia até ser reconhecida como ciência legítima, a Psicologia teve que se dedicar à definição de seu objeto de estudo, ao desenvolvimento e refinamento de referenciais teórico-metodológicos e, em especial, a um processo de consolidação de suas estratégias de pesquisa e construção de conhecimento. Por isso, e para atender às demandas do clássico paradigma científico, muito influenciado pelo positivismo, a Psicologia serviu-se, inicialmente, da metodologia quantitativa e da pesquisa laboratorial. Este artigo apresenta um pouco do processo de construção da identidade da Psicologia enquanto ciência enfocando sua trajetória de transição entre o paradigma quantitativista de produção do conhecimento científico para o paradigma qualitativista, até chegarmos ao

Recebido em: 29/05/2011
Aceito em: 28/12/2011

que hoje se pratica de forma mais comum: a utilização colaborativa das duas estratégias metodológicas. Para apresentar a pesquisa qualitativa em Psicologia, discutimos, além de sua proposta e elementos de diferenciação em relação à pesquisa quantitativa, os diferentes métodos utilizados por esta modalidade e, em especial, a entrevista; considerada a principal forma de coleta de dados em pesquisas conduzidas por psicólogos e, portanto, importante elemento no processo de construção do conhecimento dessa ciência, além de mais qualificado espaço de diálogo entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado.

Palavras-chave: Psicologia. Pesquisa qualitativa. Pesquisa quantitativa. Métodos. Entrevista.

ABSTRACT

For constituting itself a science, Psychology has coursed along way. From the time he was considered a Philosophy's discipline until to be recognized as a legitimate science, Psychology had to devote to the definition of its object of study, the development and refinement of theoretical-methodological frameworks and, in particular, to consolidation process of their research strategies and knowledge construction. Therefore, in order to regard the demands of the classical scientific paradigm, which is very influenced by Positivism, Psychology made use, initially, of quantitative methodology and laboratory research. This article presents some of the process of identity construction of Psychology as a science, focusing on its transition path between the quantitativist paradigm of scientific knowledge production to the qualitativist paradigm, until that is more commonly practiced nowadays: the collaborative use of these methodological strategies. For presenting the qualitative researching Psychology, we discussed, beyond its proposal and differentiation elements in relation to quantitative research, the different methods used for this mode and, in particular, the interview - which is considered the main way of data collection in surveys conducted by psychologists and, therefore, it is an important element the process of knowledge building that science, in addition to being the most qualified space for dialogue between there searcher and the research subject.

Keywords: Psychology. Qualitative Research. Quantitative Research. Methods. Interview.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

INTRODUÇÃO

Antes de abordarmos diretamente o tema deste ensaio – a Pesquisa Qualitativa e sua estreita relação com o desenvolvimento da ciência psicológica – julgamos importante contextualizar nossas indagações e reflexões acerca da Psicologia e sua relação com o universo da pesquisa científica. Para tanto, temos que retroceder no tempo e voltar nosso olhar para a história da Psicologia, pois, acreditamos nós, lá é que encontram-se registradas as primeiras e principais tentativas de sistematização da Psicologia e de suas formas de construção do conhecimento por meio da pesquisa.

A Psicologia, para alguns historiadores, é tão antiga quanto a Filosofia e muitos concordam em afirmar que a Psicologia, tal como a conhecemos hoje, tem sua gênese a partir das chamadas ideias psicológicas ou reflexões metafísicas já presentes nos primeiros anos de desenvolvimento do pensamento filosófico (cujo berço é a Grécia do VI a. C.), tanto entre os filósofos pré-socráticos como entre os pós-socráticos (JACÓ-VILELA, FERREIRA, PORTUGAL, 2006; CAMBAÚVA, SILVA, FERREIRA, 1998; FREIRE, 1997; BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1995; FIGUEIREDO, 2001). Para outros historiadores, a Psicologia nasce como ciência e se desvincula da Filosofia a partir de 1879, quando na cidade de Leipzig, Alemanha, é fundado o primeiro laboratório de Psicologia Experimental, por Wilhelm Wundt (1832-1920), que em 1881 funda, também, a primeira revista especializada em Psicologia: a *Psychologische Studien* (SCHULTZ, SCHULTZ, 2005).

Uma revisão de literatura acerca deste tema nos remete à conclusão de que a Psicologia foi sendo engendrada em meio às indagações dos filósofos – e por isso constituiu-se primeiramente como uma disciplina da Filosofia – e foi se aproximando mais objetivamente do *status* de ciência a partir do século XIX, quando pôde lançar mão de métodos advindos das ciências naturais – a exemplo da Física, Química, Fisiologia e Biologia – para investigar o seu objeto de estudo (MASSIMI, 1990; FREIRE, 1997).

E eis o ponto em que pretendíamos chegar por meio deste brevíssimo sobrevoo pela história da Psicologia: seu objeto de estudo. Ele é, segundo nossas convicções, o cerne de todas as indagações acerca das possíveis metodologias de pesquisa em Psicologia e também a origem delas. Dessa maneira, podemos afirmar que três dimensões variaram ao longo da história desta ciência de maneira complexa, mas extremamente coesas: o objeto de estudo da Psicol-

gia, a definição de Psicologia e o modo de realizar pesquisa em Psicologia. Nesta perspectiva, defendemos que a ciência psicológica, para ser compreendida corretamente, depende diretamente da definição de seu objeto de estudo, assim como das práticas investigativas que seus representantes empregam (abordagens metodológicas), ou seja, existiria uma relação de interdependência entre o objeto de estudo da Psicologia, sua definição enquanto ciência e a metodologia de pesquisa que a ela serve.

Quando os filósofos gregos começaram a se debater sobre a origem do homem e, de forma especial, sobre a origem do pensamento humano e suas regras de funcionamento, eles elegeram como centro de seus esforços investigativos um objeto de estudo “abstrato”: o pensamento. Nesse processo histórico, a Filosofia Grega contribuiu de forma emblemática para a formação do pensamento Ocidental (CHAUI, 2010), pois na passagem dos chamados conhecimento mítico e empírico-vulgar (ou senso comum) para o pensamento filosófico, a herança grega é uma metodologia de investigação marcada pela presença de qualidades abstratas, ou seja, o emprego da racionalidade, enquanto habilidade cognitiva (investigação racional, reflexão, emprego do pensamento lógico, etc.), para se chegar à verdade (ou fatos que desejavam conhecer). Quando os filósofos da Idade Média e do Renascimento, que também eram médicos, matemáticos, astrônomos e políticos, elegeram como seu objeto de estudo a mente e, em especial sua constituição anátomo-fisiológica, entendendo-a como recurso para compreensão do pensamento humano, eles elegeram um objeto de estudo “concreto”³.

Assim sendo, o fato de a Psicologia aproximar-se do *status* de ciência quando passou a fazer uso dos métodos das ciências naturais não é uma mera coincidência. Pelo contrário, representa um fato perfeitamente explicável não só sob o ponto de vista histórico, mas principalmente epistemológico. A Psicologia, enquanto se preocupou em dar continuidade às investigações dos filósofos, e, portanto, enquanto assumiu o *status* de disciplina da Filosofia, tomando para si objetos abstratos como seus objetos de estudo, manteve-se imune às influências do Positivismo que, por sua vez, ditava as regras para

3. Concreto: “a noção aplica-se ao que é dado na experiência externa (por exemplo um ato físico, um objeto dado por intermédio dos sentidos), ou interna (um fenômeno mental, como um sonho ou uma emoção). Por extensão, é qualificada de concreta qualquer circunstância vivida em sua dimensão social e histórica por cada homem na situação. De qualquer maneira, o concreto é singular e individual e opõe-se ao abstrato, que é da ordem da relação do geral” (DUROZOI, ROUSSEL, 1993, p. 98-99).

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

que uma dada disciplina alcançasse o seu reconhecimento como ciência. Vale lembrar que para Auguste Comte (1789-1857), o grande representante do movimento positivista franco-europeu, a principal tarefa de uma ciência implicava na busca por conhecimentos rigorosos que, além de garantirem uma total renúncia das explicações metafísicas, tornariam possível a realização da previsibilidade, ou seja, a construção de sistemas explicativos capazes de, por meio das chamadas leis universais (ou teorias), prever novas ocorrências de um dado fenômeno. Com efeito, as premissas fundantes do pensamento positivista centram-se nas qualidades do objeto de estudo ao qual vincula-se cada ciência: ele precisa ser observável, experimental, manipulável e mensurável, noutras palavras, precisa ser concreto (CHAUÍ, 2010; FIGUEIREDO, 2001).

Tendo o Positivismo como paradigma e seguindo o exemplo de outras tantas ciências, e em especial o exemplo das ciências naturais, a Psicologia do século XIX elege a consciência, com Wilhelm Wundt, e depois o comportamento, com John B. Watson (1878-1958), como seu objeto de estudo e recebe, assim, o aval para ingressar no rol das ciências modernas. Quando a Psicologia faz esta opção, ela se dirige também para uma modalidade específica de investigação que toma a realidade (o mundo e as coisas do mundo) como passiva de uma tradução não mais formatada para a linguagem filosófica ou metafísica, mas sim para uma linguagem matemática, empiricista. A Psicologia se deixa influenciar pela visão quantitativista (cuja preocupação central é a quantidade e a relação de causa-efeito presente nos fenômenos que estuda) e se molda a partir dessa perspectiva. Por meio do emprego de métodos de investigação, construção e aquisição do conhecimento cada vez mais rigorosos, surgem critérios cada vez mais complexos e teorias cada vez mais fundamentadas na observação e no êxito da experiência laboratorial. O conhecimento produzido acerca do comportamento humano postula que a ciência não só seria capaz de torná-lo compreensível em sua razão de ser ou em suas múltiplas formas de expressão, mas também capaz de predizê-lo.

A visão de ciência que permeia o universo acadêmico ainda hoje, e que de certa forma influencia também sua representação para o senso comum, está marcada por esta palavra de ordem do Positivismo: primeiro observar e experimentar para depois, sim, comprovar e generalizar. A Psicologia precisou aderir a este paradigma para se emancipar, se impor como área de conhecimento autônoma e, consequentemente, se diferenciar da Filosofia. Isso provavelmente explica

a importância de escolas como o Funcionalismo, o Estruturalismo e o Behaviorismo, enquanto correntes do pensamento psicológico, no processo de reconhecimento e consolidação da Psicologia como ciência e profissão.

Por causa da necessidade de responder aos novos patamares que sustentariam as Ciências Modernas, a Psicologia afastou-se e negou, uma parte indelével da constituição humana e, portanto, um objeto de estudo ainda mais complexo do que a acessível objetividade: a subjetividade. Assim, a dimensão subjetiva do homem, foi, a exemplo do que ocorreu com as incursões da Filosofia no passado (e de suas disciplinas, a saber: ontologia, teologia, metafísica, etc.), sendo gradativamente abandonada e discriminada.

Dentre as principais escolas engendradas nesse processo, podemos destacar a Psicanálise e a Fenomenologia que encontraram dificuldades para se apresentarem como práticas de investigação com reconhecimento de *status* científico no universo acadêmico. Por isso são elas – assim postulamos – sinais de que o lidar com a subjetividade, ao invés da objetividade, e o lidar com as abordagens qualitativistas, ao invés das abordagens quantitativistas, representa o irromper de um novo paradigma na história da Psicologia.

A PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES EM TORNO DE SUA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação qualitativa se caracteriza por uma constituição “pluri-paradigmática” e por uma variedade de “perspectivas” teóricas que, por sua vez, são também responsáveis por uma variação metodológica.

Por paradigma podemos entender, à luz das explicações de Kuhn (1994), uma imagem básica do objeto de uma dada ciência, que define, entre outras coisas, como este objeto deve ser estudado, as perguntas que sobre ele deverão ser feitas, como interpretar suas respostas, enfim, dá as diretrizes gerais de ação do investigador. Paradigma pode ainda ser definido como a unidade mais geral de consenso dentro da ciência e serve, inclusive, para diferenciar uma comunidade científica de outra. Segundo Valles (1997), paradigma é um:

sistema de crenças básicas (princípios, pressupostos) sobre: a) a natureza da realidade investigada (pressuposto ontológico); b) sobre o modelo de relação entre o investigador e o investigado (pressuposto epistemológico);

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

c) sobre o modo em que podemos obter conhecimento de dita realidade (pressuposto metodológico) (p. 49).

Ontologia refere-se ao estudo do “ser” em geral e, no que se refere à pesquisa qualitativa, tal estudo inscreve-se na tentativa de compreender a dinâmica de construção do conhecimento sobre o real, ou seja, sobre como as coisas – os seres – que formam o real, realmente são. Epistemologia, que para uns tem a conotação de teoria do conhecimento e para outros recebe a conotação de teoria da ciência, remete-nos ao ato de, na pesquisa, analisar o próprio saber que se constrói; assim, ao epistemólogo não interessa o resultado de uma pesquisa e/ou sua conclusão final apenas, mas sim o caminho pelo qual tal pesquisador percorreu para chegar à dita conclusão. Já o caráter metodológico do paradigma que fundamenta a pesquisa qualitativa refere-se não só à escolha do método (ou dos métodos), mas sobre como será estabelecida a comunicação entre o sujeito e o objeto no processo de investigação para permitir a coleta dos dados necessários à posterior análise.

A variação de paradigmas em pesquisa científica pode ser assim categorizada:

1. de um lado o paradigma prevalecente, clássico, racionalista e positivista e, do outro,
2. o paradigma emergente, alternativo, naturalista, construtivista e interpretativista.

O primeiro assume a existência de uma única realidade, possível de ser apreendida pelos cinco sentidos e pelas leis universais da ciência, além de poder ser também manipulada mediante a apresentação de procedimentos lógicos; é o que se vê em termos de procedimento ocorrendo nos laboratórios experimentais. É este paradigma que aqui denominamos “Abordagem Quantitativa”.

O segundo paradigma admite a existência de múltiplas realidades que se diferenciam e que, por isso mesmo, não podem ser compreendidas por meio de processos unicamente racionais. Isso significa que os dados obtidos por procedimentos qualitativos de pesquisa

partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. Dessa posição decorrem as três características essenciais aos estudos qualitativos: visão holística, abordagem indutiva e investigação naturalística (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 131).

Por visão holística devemos entender que a construção dos significados de um determinado comportamento ou fenômeno por parte de um sujeito ou grupo se dá através da soma (ou síntese) das inter-relações que se fazem presentes num dado contexto. Por abordagem indutiva devemos entender a ação do sujeito-pesquisador que, no processo de construção do conhecimento, parte das observações de seu objeto de estudo e contexto de inserção para a formulação das categorias de análise dali emergidas livremente. Com respeito à investigação naturalística, trata-se de um esforço, por parte do mesmo sujeito-pesquisador, para que sua intervenção no campo de observação, durante o processo de coleta de dados, seja de tal modo minimizada que possa tender a zero. Este paradigma, ao qual dedicamos o presente ensaio, denomina-se “Abordagem Qualitativa”.

Principais características da pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa possui características básicas que contribuem, não só para seu entendimento e planejamento, mas também para sua diferenciação em relação à abordagem quantitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1997) essas características são:

1. Em pesquisa qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o pesquisador, portanto, o instrumento principal: esta característica nos remete a uma significativa diferença entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, uma vez que para esta última o “instrumento” é posto como o centro da atenção do pesquisador e condição inalienável para a definição de confiabilidade dos resultados obtidos. Os pesquisadores qualitativos são também assíduos frequentadores do ambiente – contexto – onde se encontra inserido seu objeto de estudo (família, escola, hospital, bairro, comunidade, penitenciária, posto de saúde, etc.).

2. A investigação qualitativa é sempre descritiva: diferentemente da pesquisa quantitativa, onde os dados coletados são apresentados sob a forma de números, na pesquisa qualitativa eles são apresentados por meio de palavras e imagens. É tarefa do investigador descrever minuciosamente o observado (objeto, fenômeno, etc.), para que possa produzir uma análise rigorosa e permitir a outro que, mesmo não podendo estabelecer contato visual ou material com o observado, possa também conhecê-lo.

3. O processo é mais importante que o resultado: valorizar o processo de construção do conhecimento e de realização da pesquisa

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mime-sis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

mais do que simplesmente o resultado é outra importante faceta desta abordagem qualitativa. Interessados muito mais no “como” do que no “porque”, os investigadores qualitativos encontram nos processos de investigação, respostas tão significativas quanto aquelas que se expressam por meio dos resultados.

4. A indução é a forma primordial de análise dos dados da pesquisa qualitativa: não havendo, como ocorre nas pesquisas quantitativas, a intenção de confirmar uma hipótese previamente estabelecida, recolhe-se os dados e, à medida em que estes vão se acumulando, é que o pesquisador vai construindo suas abstrações particulares, formando, assim, o que se intitula “teoria fundamentada”. Noutras palavras e como afirmam Bogdan e Biklen (1997, p. 50): “não se trata de formar um quebra-cabeças, cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as peças”.

5. O valor do “significado”: os pesquisadores dessa abordagem estão interessados em saber como as pessoas dão sentido e significado às suas vidas, ou seja, estão interessados nas perspectivas individuais. No momento em que conseguem apreender as perspectivas dos participantes, o pesquisador elucida a dinâmica interna das situações que investiga; o que poderia não ser possível noutra abordagem de pesquisa.

Além da Psicologia, outras ciências, sobretudo humanas e sociais, que também lançaram mão do paradigma qualitativo para a realização de suas pesquisas, como por exemplo a Sociologia, a História e a Antropologia, contribuem para a fundamentação desta abordagem e, por meio de práticas metodológicas próprias, dão a ela condições de se impor como modalidade reconhecidamente científica, a saber: a abordagem fenomenológica, o interacionismo simbólico, a etnografia (enquanto tentativa de descrição da cultura); a etnometodologia e os estudos culturais propriamente ditos. Todas estas práticas metodológicas colocam o pesquisador num processo de interação com o sujeito da pesquisa e com o contexto (geográfico, social, político, econômico e cultural) de sua inserção, permitindo uma tal descrição de ambos que possibilita a apreensão das formas de interatividade entre indivíduo e coletividade, além das mútuas influências, frutos dessa interação (o sujeito influencia o contexto, que por sua vez influencia o pesquisador, formando uma complexa espiral de inter-relacionamentos).

Como a pesquisa quantitativa dominou por décadas, e por que não dizer, por séculos, a forma de se realizar investigações em ciên-

cia e como, ela mesma, durante muito tempo foi a representante do paradigma dominante, a abordagem qualitativa, ao se apresentar à ciência e pleitear dentro deste universo o *status* de prática investigativa também científica, teve que tomá-la como contraponto e desenvolver argumentos a favor de sua diferenciação. A tentativa da abordagem qualitativa por se diferenciar da quantitativa e a tentativa da abordagem quantitativa por se manter hegemônica, produziu uma espécie de ruptura entre a classe dos pesquisadores, ficando de um lado os adeptos das abordagens quantitativas e, de outro lado, os adeptos das abordagens qualitativas. O mesmo ocorreu com as ciências que ousaram lançar mão do paradigma emergente e reconheceram como válidas as pesquisas fundamentadas em metodologias qualitativas; estas passaram a ser inscritas como ciências qualitativas. Confusões à parte e rótulos também, vejamos o que Bogdan e Biklen (1997) trazem de contribuição para uma melhor compreensão deste processo de diferenciação e cooperação entre uma abordagem e outra:

1. é possível e recomendável que pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa se articulem conjuntamente;
2. a abordagem qualitativa, embora não corresponda às expectativas do tradicional Positivismo – até porque o critica – é uma abordagem científica de pesquisa;
3. a investigação qualitativa difere-se da ação dos professores, jornalistas e artistas pela intencionalidade do pesquisador, ou seja, pela ação planejada do mesmo em determinadas práticas, além do emprego de teorias e metodologias que fundamentam sempre sua ação;
4. a abordagem qualitativa pode produzir generalizações, mas essa não é sua principal função;
5. os pesquisadores qualitativos, para escaparem ao risco de imprimir em seus resultados de pesquisa suas impressões e valores pessoais, propõem-se a estudar objetivamente os estados subjetivos de seus sujeitos;
6. a presença do pesquisador qualitativo interfere no resultado das pesquisas tanto quanto interfere no comportamento dos sujeitos e isso é previsto no momento de planejamento, coleta de dados, realização das análises e considerações finais;
7. cada ponto de vista é a vista de um ponto diferente, o que significa que cada investigador qualitativo, por possuir uma identidade própria, conhecimentos e valores que se diferenciam em relação a outros pesquisadores, poderá produzir impressões diferentes de um mesmo objeto ou contexto;

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

8. o objetivo da investigação qualitativa, em síntese, é o de compreender melhor o comportamento e experiências humanas.

Para prosseguir nesta tentativa de diferenciar a pesquisa qualitativa da quantitativa, podemos ainda contar com as contribuições de Debus (1994). Dentre as diferentes pontuações pró-distinção das modalidades, interessa-nos esta: a pesquisa qualitativa se põe em prática para responder à pergunta “por que?”, enquanto que a pesquisa quantitativa busca respostas às perguntas “quanto?” e “com que frequência?”. Sendo assim, o processo de investigação qualitativa é sempre marcado pela sequência de descobertas que se vão fazendo à medida que os dados vão sendo coletados e as observações sendo feitas, enquanto que o processo de investigação quantitativa é marcado pela busca constante de provas que corroboram (ou que deveriam corroborar) hipóteses previamente construídas. Vale ainda pontuar que a pesquisa qualitativa é de natureza interpretativa e não descritiva meramente; normalmente realizada com pequenos grupos de sujeitos, não selecionados sobre base probabilística; e sem uma firme convicção de que os resultados poderão, ou deverão, ser generalizados, podendo ser marcada pela presença de conteúdos subjetivos e intuitivos – o que em pesquisa quantitativa não se aceita – e pelas vantagens de baixo custo, rapidez de coleta e análise dos dados e flexibilidade de planejamento, já que seu projeto (desenho) pode ser alterado inúmeras vezes durante o processo de investigação.

Sobre o pesquisador qualitativo

Diferentemente da abordagem quantitativa, onde o pesquisador muni-se de um instrumento ou método que é o “centro” de sua ação investigativa, na abordagem qualitativa o pesquisador utiliza-se do pressuposto de que, como afirmam Bogdan e Biklen (1997, p. 83), “muito pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão constituir o objeto de estudo” no processo de investigação científica, buscando, com isso a eliminação dos preconceitos advindos da formação intelectual dos próprios pesquisadores, bem como objetiva a flexibilização metodológica. Assim, o que se produz em pesquisa qualitativa é muito mais um relato dos feitos investigativos (passo-a-passo) após o cumprimento dos procedimentos construídos durante o próprio processo, do que um projeto prévio onde constam como “definitivas” todas as ações do pesquisador, mesmo antes do processo ter iniciado.

O pesquisador qualitativo entra no mundo do sujeito, mas, e paradoxalmente, deve esforçar-se para manter-se do lado de fora. Isso significa que o pesquisador aprende com o sujeito e através do sujeito, participa de suas atividades, aprende sobre seu modo de pensar, mas não pensa como ele e não compete com ele durante o compartilhamento do fazer (seja lá o que for). O pesquisador qualitativo deve ser empático, mas não pode deixar de ser reflexivo.

Podemos assim afirmar que a qualidade da investigação, dentro dessa modalidade de pesquisa, depende sobremaneira da qualidade das relações que não de se estabelecer entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado, independentemente do método escolhido para coletar dados.

A coleta de dados, depois de iniciada e parcialmente concluída, é, na pesquisa qualitativa, o principal instrumento de planejamento dos procedimentos metodológicos posteriores, funcionando, metaforicamente falando, como um termômetro, que dá ao pesquisador as indicações do contexto em que se insere seu objeto de estudo e também indicações de como seguir abordando-o; uma vez que em pesquisa qualitativa, não são levantadas hipóteses com o mesmo rigor e sentido que na pesquisa quantitativa, ou seja, o sentido das hipóteses não é o de *a priori*, mas o de *a posteriori*. Nas palavras de Bogdan e Biklen (1997, p. 83), “é o próprio estudo que estrutura a investigação, não ideias preconcebidas ou um plano prévio detalhado”.

A atitude do pesquisador que opta pela abordagem qualitativa difere-se da atitude do pesquisador que se insere em contextos de pesquisas quantitativas pela forma, essencialmente, como conduz seu projeto de investigação. O objeto de estudo e o estudo são escolhidos levando-se em conta aspectos relacionados às características próprias e constituintes do pesquisador, como por exemplo, sua condição de formação intelectual, seus interesses pessoais frente a uma temática ou outra, sua visão de homem, de ciência, além das possibilidades de acesso aos sujeitos da pesquisa, ambiente e instrumentos que lhe serão necessários. É por isso que ao longo de uma carreira como pesquisador, os mesmos acabam por constituir uma “agenda”, ou linha de pesquisa, constituída por temas, metodologias de pesquisa e referenciais teóricos com os quais se identificam.

Segundo Gonzáles Rey (2002)

o contexto interativo e o tecido relacional da pesquisa determinam o valor da qualidade da informação, o qual só pode conseguir com o envolvimento e a motivação dos sujeitos estudados. A pesquisa, a partir dessa perspectiva, deixa de ter uma rota crítica fixada *a priori* e se converte em um proces-

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

so interativo que segue os altos e baixos e as irregularidades de toda relação humana. O esforço do pesquisador para manter a tensão produtiva no curso da pesquisa adquire particular significação (p. 58).

Assim, na abordagem dos participantes de uma determinada pesquisa, os pesquisadores quantitativos se diferem dos pesquisadores qualitativos pela postura com que se apresentam. O pesquisador quantitativo apresenta sua intenção de investigação por meio de uma “instrução geral”, caracterizada por uma linguagem fria e muito objetiva, cujo propósito consiste unicamente em informar ao sujeito sobre a pesquisa e solicitar sua participação com a apresentação de respostas, sem, contudo, preocupar-se “com o envolvimento e o compromisso dos sujeitos pesquisados” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 58). Já o pesquisador qualitativo, apresenta sua intenção investigativa através de um diálogo, por meio do qual propõe temas que interessam ao sujeito-participante e que os levam ao desenvolver de um processo reflexivo; o diálogo entre pesquisador e pesquisados é a principal fonte das informações que serão tratadas como dados para a pesquisa qualitativa.

O TRABALHO DE CAMPO E AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA

O trabalho de campo é uma das características comuns entre a pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, uma vez que por campo entende-se o lugar, o contexto, a instituição, a cultura, enfim o chão donde emanam as informações que serão analisadas pelo pesquisador. Usualmente contrapõem-se a pesquisa laboratorial e a pesquisa de campo, afirmando-se que a primeira direciona-se para a abordagem quantitativa e que a segunda dirige-se para a abordagem qualitativa, o que não necessariamente se corrobora, pois pesquisadores quantitativos também vão a campo.

O campo é o local onde se encontram inseridos os sujeitos de uma dada pesquisa/investigação, entregues às suas atividades cotidianas, ou seja, à rotina de seu ambiente natural. Neste lugar – o campo – que é o lugar próprio do sujeito da pesquisa, o investigador tem a tarefa de aumentar seu nível percepção quanto ao pertencimento local, produzindo aumentadamente a sensação de “estar à vontade” para que, posteriormente, possa encorajar o sujeito-participante a narrar sua história.

Conforme nos aponta Gonzáles Rey (2002),

o trabalho de campo se relaciona com a pesquisa em grupos de pessoas, instituições, comunidades, e a diferença da coleta de dados pressupõe a participação espontânea do pesquisador no curso cotidiano da vida dos sujeitos estudados, o que conduz à formação de redes de comunicação que permitem a expressão cotidiana dos sujeitos estudados, fonte excepcional para a produção de conhecimentos psicológicos (p. 95),

O que nos autoriza afirmar que, em pesquisa qualitativa, não há uma separação entre o trabalho de campo e a coleta de dados, uma vez que o “curso de produção de informação é, simultaneamente, um processo de produção de ideias em que toda nova informação adquire sentido para a pesquisa” (GONZÁLES REY, 2002, p. 97).

O termo “dados” em pesquisa refere-se àquilo que de mais precioso pode encontrar o pesquisador durante sua empreitada investigativa. Os dados, depois de recolhidos e analisados, transformam-se nas provas e pistas capazes de materializar o objetivo de busca do pesquisador e, como afirmam Bogdan e Biklen (1997, p. 149), “incluem os elementos necessários para pensar de forma adequada e profunda acerca dos aspectos da vida que pretendemos explorar”.

As diferentes possibilidades e recursos para a realização da coleta dos dados e os dados propriamente ditos são aspectos centrais da pesquisa qualitativa por comportarem o potencial de conteúdo a ser analisado e, por assim ser, apontar para o sucesso ou não do empreendimento investigativo. Embora a maior parte das pesquisas qualitativas realizem-se com base nos dados coletados por meio de entrevistas e sua posterior transcrição, há uma variedade de fontes de dados que convém enunciar e discutir brevemente.

Os diferentes tipos de instrumentos para a coleta de dados em pesquisa qualitativa

A observação participante

O termo “observação participante” carece de uma atenção especial e de um esforço no sentido de esclarecê-lo, pois tem sido muito mal empregado no discurso de pesquisadores pouco informados (ou mal formados).

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

Segundo Valles (1997), para se fazer uso da observação participante enquanto instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa, deve-se ter como condição *sine qua nom* a participação efetiva do observador no contexto a ser observado, mas não por meio de uma observação única e objetivamente planejada em que o pesquisador se dirige até o local da pesquisa e convive por um tempo determinado com os membros do grupo ou instituição. Pelo contrário, em observação participante pressupõem-se que o observador faça parte do grupo, seja “um-entre” e não “um-de-fora”. Para Valles (1997, p. 141), nesta modalidade de coleta de dados para pesquisa, o papel do investigador

não se limita a por o informe de resultados nas mãos dos que hão de tomar as decisões, mas sim, seguir trabalhando com estes e pondo em prática as soluções propostas (tradução nossa).

Para tornar mais clara a definição do lugar do pesquisador na observação participante, faremos um exercício, semelhante ao de Valles (1997), de diferenciação dos seguintes termos:

1) Observação científica: refere-se à apropriação feita pela comunidade científica da habilidade de observação comum, da qual os seres humanos são dotados – com exceção de poucos que possuem algum tipo de deficiência – e de sua respectiva artificialização, ou seja, de sua transformação em instrumento de coleta de dados objetivamente planejada, sendo, portanto, dotada de recursos que tanto podem ampliar sua capacidade de percepção como limitá-la, dirigindo-se a um foco específico e diretamente ligado ao objetivo da observação/pesquisa. Noutras palavras, significa transformar a observação comum em “ferramenta de investigação” (VALLES, 1997, p. 143). Esta forma de observação, com características advindas de categorias científicas de investigação pode ser pensada, planejada e executada em duas distintas modalidades, a saber;

a) Observação exógena: é a observação realizada para fins de coleta de dados em pesquisa científica, mas com o investigador-observador assumindo a condição de “estranho” ou de “participante marginal” (VALLES, 1997, p. 145, *apud* DOUGLAS, 1976, p. 42) dentro de um determinado grupo ou comunidade que adotou como sendo o contexto a ser estudado segundo os objetivos de sua pesquisa;

b) Observação endógena: é a observação realizada para fins de coleta de dados em pesquisa científica onde o investigador-observador não é um sujeito vindo de fora, mas sim eleito entre os membros do grupo ou comunidade que se pretende estudar;

2) Observação comum: refere-se à capacidade inerente à natureza humana de estabelecer relação de contato e conhecimento com o mundo através dos órgãos do sentido, em especial a visão e audição, nossos principais recursos de apreensão da realidade.

A observação participante tem sido utilizada com frequência por antropólogos e sociólogos e pode combinar, além da observação em si, outras estratégias, como por exemplo, a análise de documentos, a entrevista, o questionário, a introspecção e dinâmicas de grupo, etc.

Há, contudo, situações em que a observação participante não convém de ser usada como estratégia. Sendo assim, é também possível falar de aspectos positivos e negativos da referida estratégia. Quando se sabe pouco sobre o fenômeno a ser estudado, quando existem muitas diferenças entre pontos de vista acerca do que se pretende estudar ou quando o fenômeno em questão se oculta à visão pública, podemos dizer que estes são casos em que a observação participante se aplica de maneira muito adequada. Já quando o fenômeno a ser observado compromete sobremaneira a identidade dos membros de um determinado grupo ou comunidade, a presença do observador pode afetar de modo significativo a rotina dos mesmos e pouco produtivo será o seu trabalho de investigação. Outra desvantagem pode estar vinculada à variabilidade do instrumento humano ao longo do tempo de observação, sobretudo no que diz respeito à atribuição de significados aos comportamentos observados.

As notas de campo

As notas de campo, segundo Bogdan e Biklen (1997, p. 150), constituem o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da coleta” dos dados. Portanto, são dois os tipos de dados advindos das notas de campo: o dado “descritivo”, propriamente dito, e o dado “reflexivo”, resultado das apreensões do pesquisador frente às observações e vivências no campo.

Os aspectos descritivos das notas de campo podem ser assim estruturados, dependendo, é claro da circunstância observada: retratos dos sujeitos, reconstruções dos diálogos, descrição do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares, descrição de atividades e, por último, comportamento do observador. Já a parte reflexiva (CO – comentários do observador) pode ter a seguinte estrutura: reflexões sobre a análise, reflexões sobre o método, reflexões sobre os

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

conflitos e dilemas, reflexões sobre o ponto de vista do observador e, por último, pontos de clarificação.

O estudo de caso

Uma das possibilidades de investigação qualitativa defini-se pelo termo “estudo de caso”, onde um pesquisador, iniciante ou não, trabalhando sozinho ou em grupo, opta por partir de um largo leque de informações acerca de um determinado tema até que lhe seja possível definir um aspecto para ser investigado em especial ou em profundidade. Estes estudos de caso podem ser realizados tanto em organizações de grande porte como escolas, hospitais e empresas, como em instituições menores como, por exemplo, uma família e até mesmo um único sujeito, onde o principal recurso a serviço do pesquisador é a observação participante; não descartando, vale dizer, uma pesquisa documental ou por meio de entrevista que dê conta de constituir um levantamento histórico do objeto de estudo – sujeito – em questão.

A fotografia

Também a fotografia está intimamente ligada à pesquisa qualitativa e pode ser utilizada de maneira muito diversificada, caracterizando-se como fonte importante de dados descritivos, podendo, inclusive, registrar dados que não podem ser apreendidos por outras formas de coleta, além do que, como afirmam Taylor e Bogdan (1998): uma imagem diz mais do que as palavras. Das fotografias possíveis de serem utilizadas em pesquisa qualitativa, há de se fazer uma distinção entre estas duas modalidades: aquelas que foram produzidas pelo investigador e que, por isso, mesmo encontram-se carregadas de uma intencionalidade, e aquelas produzidas pelos próprios sujeitos e, portanto, capazes de expressar melhor aspectos de sua constituição subjetiva.

Os registros oficiais e documentos públicos

Os documentos oficiais ou públicos são igualmente fontes de dados importantes para a pesquisa. Exemplos destes documentos

são: documentos organizacionais, artigos de periódicos, registros de órgãos públicos, informes governamentais, transcrições judiciais, laudos, processos cíveis e criminais, entre tantos outros tipos e formas. Outra vantagem destes documentos públicos e oficiais no que se refere a convertê-los em fontes para pesquisas (principalmente sociais) consiste no fato de que seu acesso é menos restrito aos pesquisadores – já que são, em sua maioria, documentos públicos – podendo ser encontrados em bibliotecas públicas, arquivos de organizações governamentais e sociedades de preservação e registro da história (de uma determinada cidade, comunidade ou organização, por exemplo).

Os documentos pessoais

Esta modalidade de pesquisa serve-se de documentos pessoais como fontes primordiais de informação acerca de um determinado sujeito, podendo ser: diários, agendas, diários de viagem, registros de desenvolvimento, álbuns de foto, álbuns de recortes, cartas privadas, notas de suicidas, depoimentos de amigos, etc. As pesquisas feitas com base em documentos pessoais, registros oficiais e documentos públicos são também chamadas de pesquisas documentais.

Grupos de discussão

Os grupos de discussão têm sua gênese marcada muito mais pelas pesquisas de mercado do que pelas pesquisas realizadas em contextos sociais ou dentro da própria Psicologia e definem-se como uma técnica específica de trabalho que se inscreve num contexto mais amplo de entrevistas grupais orientadas, cujo objetivo se vincula mais à abordagem qualitativa da pesquisa científica. Podemos então, à luz de Valles (1997) falar de quatro tipos diferentes de grupos de discussão: 1) O grupo focal, cujo propósito de investigação se vincula à exploração de um determinado tema, podendo se realizar em locais não formais e com uma participação do moderador pouco diretiva, ou seja, num formato semelhante ao da entrevista semi-estruturada, que adiante iremos abordar; 2) O *Brainstorming*, ou simplesmente, tempestade mental (ou ainda tempestade de ideias) onde um grupo de pessoas se reúne e, ao comando do moderador, tornam públicas suas ideias acerca de um determinado tema (central). A ausência de censu-

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mime-sis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

ra por parte do moderador, e, pelo contrário, o incentivo à criatividade individual, favorece o aparecimento de ideias novas e o exercício criativo tanto individual quanto coletivo. 3) Grupo nominal e Delphi: no primeiro caso, as entrevistas são conduzidas pelo sujeito sem que ele saiba que está sendo observado e seus feitos registrados. No segundo caso, ou seja, a técnica de Delphi, se aplica quando há necessidade de produzir um prognóstico de êxito (no caso de um novo produto que está sendo lançado, por exemplo). Ainda em relação à técnica Delphi, vale dizer que o contexto não se caracteriza pela naturalidade, mas, ao contrário, o investigador, aqui também chamado de moderador, se utiliza de uma prática de caráter estruturado (diretivo) e pela quase neutralidade do investigador que busca envolver-se minimamente com o(s) sujeito(s) participante(s) da pesquisa. 4) Entrevistas grupais de campo, naturais e formais: podem ser aplicadas como uma conversa informal entre duas mulheres, por exemplo, dentro de seu contexto, ou seja, dentro de seu ambiente natural, após o esgotamento das técnicas de observação participante, por exemplo, ou após a vinculação de confiança entre pesquisador e pesquisado.

Duas considerações sobre a coleta de dados

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, duas perguntas são feitas com certa frequência: qual é o momento de parar com a coleta de dados?; que critérios devem ser utilizados para a tomada dessa decisão?

Assim, e para responder a tais perguntas, torna-se mister pontuar um conceito presente em Bogdan e Biklen (1997). Os referidos autores postulam que o momento correto para se encerrar a coleta de dados em pesquisa qualitativa é o momento em que as informações presentes nos registros do pesquisador começam a se tornar redundantes, ou seja, o momento em que se observa, ao mesmo tempo, um alto índice de repetições de informações e um baixo índice de informações novas acerca do tema pesquisado. A este importante momento da pesquisa qualitativa dá-se o nome de “saturação de dados” (BOGDAN, BIKLEN, 1997, p. 96) ou ponto de saturação.

Há uma última temática que gostaríamos de ainda pontuar sobre a coleta de dados e seus diferentes instrumentos: a questão da ética na pesquisa. Em se tratando de pesquisa qualitativa, alguns cuidados devem ser tomados, sobretudo para preservar a integridade – física, moral, psicológica e material – dos participantes, a saber: identidades devem ser protegidas; os sujeitos devem ser tratados respeitosa-

te; um termo de consentimento livre e esclarecido deve sempre ser apresentado ao sujeito da pesquisa, informando-o sobre os objetivos da mesma e também sobre seus direitos; os resultados deverão ser transcritos fidedignamente. A legislação brasileira dispõe da Resolução 196/96, de autoria do MS – Ministério da Saúde, em parceria com o CNS – Conselho Nacional de Saúde e o CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos e tecidos, determinando todos os passos que pesquisadores, instituições de pesquisa e tecnologia e instituições de fomento à pesquisa devem dar no sentido de assegurarem que a ética esteja sendo respeitada nos procedimentos investigativos.

A ENTREVISTA E SEUS DIFERENTES TIPOS

Reservamos à entrevista um espaço de destaque em nosso ensaio por entendermos que ela é, especialmente para a pesquisa qualitativa em Psicologia, o principal instrumento de coleta de dados.

Segundo Valles (1997) são vários os tipos de entrevista e cada uma delas atende a necessidades específicas de pesquisa, podendo o pesquisador escolher entre as diferentes modalidades abaixo relacionadas: entrevista conversacional informal; entrevista baseada em roteiro; entrevista estandardizada (ou padronizada) aberta; entrevista estandardizada fechada; entrevista de assessoramento; entrevista de seleção; entrevista de investigação; entrevista médica e entrevistas de avaliação para o trabalho.

Das entrevistas ditas “em profundidade”, e que mais nos interessam por sua aplicabilidade ao universo acadêmico-científico, podemos destacar a entrevista focalizada, as entrevistas estandardizadas (programada, não programada e não estandardizada), as entrevistas especializadas ou para as elites, entre outras.

Estes diferentes tipos de entrevistas, conforme já afirmamos, atendem a necessidades específicas dos pesquisadores, o que significa pensar e poder afirmar que possuem, conseqüentemente, limitações ou desvantagens variando de situação e aplicabilidade. Noutras palavras, vale dizer que o número de entrevistas possíveis de se descrever é tão grande quanto ao número de possibilidades de sua aplicação; o pesquisador precisa conhecer um suficiente número de variações para poder adaptar-se aos diferentes contextos de pesquisa.

Vejamos algumas vantagens da entrevista: obtenção de informações mais ricas, completas ou complexas; interação facilitada en-

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

tre o pesquisador e o pesquisado; facilita a compreensão dos dados por permitir explicações e justificativas do respondente; informações mais restritas podem ser acessadas por meio da entrevista e não acessadas por meio de outros recursos de investigação (questionário fechado, por exemplo); podem ser aplicadas individualmente ou em grupo e, por isso, ampliar o número de sujeitos participantes e, em consequência disso, o número de informações coletadas. Quanto às desvantagens, Valles (1997) chama a atenção para os seguintes itens: o tempo de coleta de dados aumenta quando a entrevista é eleita como principal recurso, considerando, principalmente o fato de que o passo seguinte consiste em sua transcrição e análise; questões como reatividade, confiabilidade e validade poderão se fazer presentes e tomar tempo do pesquisador para resolver; tira o pesquisador de cenários naturais onde os fenômenos ocorrem, uma vez que o ambiente de realização da entrevista restringe-se por exigências intrínsecas (silêncio, privacidade, sigilo, etc.).

As entrevistas devem ser planejadas de modo que o pesquisador possa utilizá-las como “instrumento de coleta”, pois, se assim não for, dados importantes podem ser perdidos e não recuperáveis. Uma das estratégias para tal planejamento é a elaboração de um roteiro prévio, onde devem estar contidos os temas e subtemas que merecem atenção durante a entrevista. A abordagem dos temas pode ocorrer numa única entrevista ou esta pode ser marcada para mais de uma sessão; tal planejamento deve seguir como orientação básica a maior eficiência (clareza, satisfatória qualidade de respostas, nível de profundidade perceptível, etc.) na coleta dos dados.

A segunda parte do trabalho para o entrevistador é a transcrição da entrevista e caso este perceba que algum tema foi abordado de maneira inadequada, incompleta ou insuficiente, pode solicitar do entrevistado uma segunda sessão; é o chamado pós-entrevista.

Delgado e Gutiérrez (1995) apresentam-nos sob o título “Sujeito e discurso” a técnica da entrevista aberta e a técnica da entrevista psicológica. A primeira caracteriza-se pela valorização dos elementos subjetivos, uma vez que busca explorar a função emotiva ou expressiva do respondente, trazendo para o momento da entrevista não o eu-linguístico, mas o eu-social, que participa das relações e que se insere de modo profundo no contexto de sua inserção, sendo por ele influenciado. Esta técnica pode ser aplicada em grupos de discussão e pode assumir qualquer uma destas sete modalidades, dependendo, é claro, dos objetivos do pesquisador: entrevista clínica, não-diretiva, focalizada sobre temas precisos, com respostas

provocadas, entrevista com perguntas abertas, perguntas listadas ou fechadas.

Sendo uma investigação de cunho social, a entrevista aberta trabalha em função da coleta de um conjunto de saberes privados, inerentes à construção do sentido social, das condutas individuais e grupais. Sendo de caráter clínico ou terapêutico, a entrevista aberta objetiva, por meio de “jogos”, compreender as práticas discursivas do paciente e seus conteúdos. Esta modalidade de entrevista pode ser empregada de maneira eficiente em estudos que, portanto, objetivem a reconstrução de ações passadas, o estudo de representações sociais personalizadas, o estudo de constituições psicológicas e condutas sociais específicas ou ainda, prospecções de campos semânticos, vocabulários e discursos.

Já a entrevista psicológica, definida como um processo em que duas ou mais pessoas intervêm oralmente com papéis assimetricamente distintos pode ser aplicada como entrevista de avaliação, de orientação, terapêutica, entrevista de investigação ou focalizada e, nestas variantes, pode ainda ser administrada pelo entrevistador de forma diretiva, semi-diretiva ou não diretiva, dependendo do objetivo e do referencial teórico com que trabalha o psicólogo entrevistador.

Podemos, segundo Delgado e Gutiérrez (1995) sistematizar a entrevista psicológica a três fases: 1) entrada: que se organiza em torno do motivo da consulta (apresentação das partes e apresentação da queixa); 2) indagação: busca por informações gerais sobre os tópicos concernentes ao contexto do entrevistado, ou seja, informações sobre seus relacionamentos, história de vida, etc. e 3) enquadre: pode ser representado por uma hipótese diagnóstica oferecida pelo entrevistador em face aos relatos do entrevistado, ou ainda uma indicação terapêutica.

A entrevista psicológica, um dos principais instrumentos de trabalho do psicólogo deve ser administrada, conforme aponta de maneira sintética Ávila (1989, *apud* DELGADO, GUTIÉRREZ, 1995): restringindo o número de perguntas ao necessário; sem efetuar perguntas encobertas, mas também não muito diretamente; utilizando linguajar claro e acessível ao entrevistado; utilizando perguntas objetivas, concretas e com tempo delimitado para expressão; e por último, mas talvez o mais importante, respeitar a liberdade de resposta do sujeito que pode escolher entre ser completo ou superficial, verdadeiro ou não, metafórico ou objetivo, erudito ou coloquial.

A entrevista não pode representar unicamente a busca por uma verdade escondida, que pode ou que deve ser revelada pelo sujeito,

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

mas sim a busca pelos significados que este mesmo sujeito atribui às suas experiências dentro de um determinado tempo e num determinado espaço. Existem vários tipos de entrevista, mas “as boas entrevistas caracterizam-se pelo fato de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre seus pontos de vista”, segundo BIGGS (1896, *apud* BOGDAN, BIKLEN, 1997, p. 136).

A comunicação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado por meio da entrevista é um dos mais importantes veículos de acesso à realidade e ao contexto de inserção do objeto de estudo de uma pesquisa. Assim, uma boa entrevista exige paciência, planejamento, disciplina e postura ética, por parte do pesquisador.

Para Debus (1994), a entrevista individual em profundidade, uma outra forma de denominação, caracteriza-se pela exaustiva sequência de indagações feitas por um pesquisador a um determinado sujeito com a finalidade de colher dados relevantes acerca de sua história de vida, visão de mundo, formas de representação da realidade e sua maneira particular de atribuir sentido/significado às coisas e às pessoas. Existem situações em que, podemos dizer, a entrevista pode ser aplicada como a melhor das estratégias, a saber: quando um tema complexo ou muito delicado está sendo estudado e o público encontra-se bem informado acerca do mesmo ou então quando o grupo encontra-se geograficamente distante e disperso. Contudo, há também recomendações para que a entrevista não seja empregada caso, por exemplo, a presença do entrevistador ou a própria dinâmica da entrevista promover perturbações no ambiente (contexto); quando há grande disparidade entre o conhecimento do entrevistador em relação ao conhecimento do entrevistado. Sendo assim, vale ressaltar que o bom êxito de uma entrevista individual em profundidade depende mais da ação, experiência e desenvoltura do entrevistador do que do entrevistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio, preocupamo-nos em apresentar a pesquisa qualitativa como sendo uma das abordagens possíveis de se utilizar no campo da pesquisa científica e, em especial, na pesquisa em Psicologia. O paradigma quantitativo que imperou hegemonicamente até o surgimento da pesquisa qualitativa não perdeu sua força entre as ciências exatas e naturais, nem tampouco deixou de ser empregado na Psicologia, o que nos leva a crer que, não obstante

às críticas a ele já dirigidas, sua contribuição para nossa “ciência e profissão” continua sendo dada de maneira muito respeitável.

Tais afirmações reforçam o fato de que a pesquisa em Psicologia, assim como é o caso de muitas outras ciências que também encontram na pesquisa qualitativa um porto seguro, está vivendo um “momento novo”; um momento de quebra de paradigma, como afirma Kuhn (1994). Este momento novo, que apesar da aparente dicotomia “quantitativo-qualitativo” ou da aparente rivalidade “quantitativo X qualitativo” – tão próprias ao processo de (in)diferenciação e de constituição da identidade – parece apontar para uma estabilização do conflito e já dá sinais de que uma co-existência entre a abordagem quantitativa e a qualitativa será, não só possível e aceita, como de fato já é, mas também preferida por pesquisadores de diferentes áreas da ciência.

Dentre as diferentes formas (recursos ou instrumentos) para se coletar dados em pesquisa qualitativa e em pesquisas no campo da Psicologia aqui mencionados, optamos por dedicar uma maior espaço de apresentação teórica e de discussão à entrevista por ser ela o instrumento que melhor percebemos sendo empregado por psicólogos-pesquisadores e por ser ela, para nós mesmos, o instrumento de coleta de dados considerado mais adequado. Entendemos o ato de entrevistar como a mais significativa habilidade do psicólogo e sua principal ferramenta de trabalho; o trabalho do psicólogo clínico, por exemplo, é marcado por um constante processo entrevistas.

A entrevista revela-se um instrumento eficiente por permitir uma comunicação livre entre pesquisador e pesquisado e a abordagem de temas que por meio de outros métodos não seriam possíveis (questionário fechado ou semi-aberto, por exemplo). A comunicação dialógica que se estabelece durante a entrevista, acompanhada de todos os elementos necessariamente presentes no ato comunicacional (o *rapport*, o saber ouvir mais do que falar, o acolhimento, o respeito, etc.) engendra uma situação apropriada à investigação dos conteúdos de interesse do pesquisador ao passo que propicia ao sujeito pesquisado um exercício de revisão de sua história de vida e de reflexão sobre a mesma.

Assim, por meio da conversação espontânea, torna-se possível o crescimento do nível de intimidade entre os atores da entrevista, criando-se uma atmosfera natural, humanizada, que favorece a participação e conduz ambos – entrevistador e entrevistado – a uma teia de relação muito próxima da trama das relações em que o sujeito se expressa em sua vida cotidiana (GONZÁLES REY, 2002).

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CAMARGO, Mario Lázaro;
CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

Dentre as, também diferentes e inúmeras, características do entrevistador aqui apresentadas, queremos pontuar estas duas, ainda que de maneira sintética, porque as julgamos verdadeiramente essenciais: o pesquisador qualitativo, e em especial o psicólogo-pesquisador, deve manter aparente sua condição de “humanidade” e sua postura “ética” no momento do encontro com o sujeito-entrevistado, outro ser portador de uma “humanidade” e de uma “ética”. A relação que há de se estabelecer entre estes sujeitos, entrevistador e entrevistado, e suas correspondentes condições de humanidade e ética, poderão representar a chave capaz de abrir portas para o conhecimento e a compreensão da subjetividade humana, principal objeto de estudo da Psicologia.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1997. (Coleção Ciências da Educação)

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2010.

DEBUS, M. **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales**. Academy for Educational Development: Washington, D.C., 1994.

DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciências sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1993.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e amp. : Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, I. R. **Raízes da Psicologia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONZÁLES REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002.

JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LODI, J. B. **A entrevista**: teoria e prática. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MASSIMI, M. **História da Psicologia Brasileira**: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. 8. ed. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigación social**: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Síntesis, 1997.

CAMARGO, Mario Lázaro; CORRER, Rinaldo. *A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.